



**TEXTO EM  
REVISÃO**

**ATUALIZADO EM  
05/2021**

**SUBSÍDIOS À LEITURA DO ROMANCE  
*DER PROCESS* DE FRANZ KAFKA  
(CONTINUAÇÃO DA PESQUISA REALIZADA NO  
PPGF/UFRJ)**

# **Filosofia e Literatura**

A abordagem filosófica do romance *Der Process*, de Franz Kafka, retrata a interseção entre a filosofia com a literatura, pelo que é importante traçar um panorama sobre os estudos que vêm sendo elaborados nesse campo.

As pesquisas a respeito da inter-relação da filosofia com a literatura são mais difundidas na Europa dentre filósofos de tradição analítica, citando-se o estudo do

professor norueguês Ole Martin Skilleås - *Philosophy and Literature*<sup>1</sup>, além dos estudos de Severin Schroeder que editou a obra *Philosophy of Literature*<sup>2</sup>, sendo ele formado por Hamburgo e integrante da *University of Reading*, cujas investigações de filosofia analítica incluem pesquisas sobre Wittgenstein, Schopenhauer, Nietzsche, Estética além de Filosofia da Mente, Filosofia da Linguagem.

Merece destaque o trabalho elaborado por Peter Vaudreuil Lamarque e Stein Haugom Olsen: *Truth, Fiction, and Literature – A Philosophical Perspective*<sup>3</sup>.

Nos Estados Unidos destaca-se Martha C. Nussbaum, com a obra *Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature*<sup>4</sup>.

A presente exposição é elaborada com base na obra *Philosophy and Literature*<sup>5</sup> de Skilleås, escrita com suporte nas aulas ministradas no curso com o mesmo nome no Departamento de Filosofia da Universidade de Bergen, por ser didática.

O primeiro capítulo de seu livro discute *o que é filosofia e literatura*, no qual expõe sua filiação ao entendimento histórico de que a filosofia seria um ramo mestre a partir do qual os demais se desenvolveram. Os filósofos antigos especulavam sobre todos os assuntos e muitas áreas surgiram da filosofia, desenvolvendo-se uma metodologia, muitas das vezes baseada em evidências empíricas, as quais foram posteriormente aceitas. Assim eram estabelecidos os campos de investigação.

Como exemplo, Ole Martin Skilleås aponta a psicologia e a linguística; esclarece, entretanto, que a literatura não seria exatamente um campo de investigação nesse sentido, pois não era vista como uma disciplina acadêmica. Salienta, inclusive, que quando Platão se referiu a uma querela antiga da literatura (poesia) com a filosofia, ele

---

1 SKILLEÅS, Ole Martin. *Philosophy and Literature. An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

2 SCHROEDER, Severin (Ed.) *Philosophy of Literature*. West Sussex: Blackwell Publishing, 01 2010.

3 LAMARQUE, Peter; OLSEN, Stein Haugom. *Truth, Fiction and Literature*. Oxford: Clarendon, 2002.

4 NUSSBAUM, Martha C. *Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature*. New York: Oxford University Press, 06 2014.

5 SKILLEÅS, Ole Martin. *Philosophy and Literature. An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008, p. 1-13, 151-152.

não estava se referindo ao sentido acadêmico, mas à produção e disseminação da literatura.

Para Skilleås, Platão é justamente a figura central, quando a questão é a relação da filosofia com a literatura. Lembra que Platão se empenhou em dar aos poetas e trovadores uma má reputação, ao mesmo tempo em que elaborava seus diálogos de forma tão sofisticada, o que permite concluir ser ele um mestre na arte que criticava. Especula-se, assim, na atualidade, os motivos pelos quais Platão afirmava a hostilidade entre a filosofia e a literatura; uma das hipóteses seria a intenção de ressaltar a independência da filosofia.

A animosidade entre os dois campos era baseada na disputa sobre um mesmo território e nos últimos tempos aumentou a aceitação de uma coabitação nesse território. Ensina que hoje a literatura possibilita a participação das emoções em um novo sentido e não no aspecto negativo como via Platão, que queria preservar o controle da racionalidade, postura adotada por muitos filósofos, ao longo da história.

Nesse panorama, não é simples a distinção entre as duas áreas, daí ter-se que analisar com cautela os argumentos dos que não veem distinção, bem como daqueles para quem essa é cristalina.

Skilleås ressalta que semelhanças não implicam em identidade e realiza uma subdivisão do estudo em tópicos: a filosofia como literatura; a literatura como filosofia e a filosofia da literatura.

No que concerne à análise da filosofia como literatura, Ole Martin Skilleås assevera que a filosofia e a literatura podem investigar a retórica da filosofia ou, dito de outra forma, a filosofia como literatura.

Alguns autores consideram existir uma oposição entre a filosofia como literatura e a filosofia como ciência, visto que a ciência seria o ideal para os estudiosos da filosofia analítica no último século, que buscam a clareza e precisão. No entanto, eventual

obscuridade, não impede a filosofia de investigar questões mais difíceis da humanidade; há textos filosóficos que adotam linguagem impenetrável e os que zelam pela clareza, sem descaracterizar a natureza.

Aduz que a forma de se expressar em um texto filosófico varia não só de acordo com o filósofo, mas também consoante o objeto da discussão; sendo que as dificuldades textuais, apreciadas pelos filósofos contrários à simplicidade expositiva, não qualificam, por si só, o texto como literário.

Assim como a literatura possui gêneros, a filosofia também possui suas subdivisões. Verifica-se que em nome da profissionalização da filosofia na qualidade de disciplina acadêmica, nos últimos tempos, com o estabelecimento de critérios para o avanço de teses e publicações, houve a limitação dessas áreas, levando inclusive a uniformização dos textos, muitos dos quais sequer propiciam a reflexão filosófica.

Cabe a indagação de em qual sentido poder-se-ia dizer que filosofia é literatura, dado que não é suficiente dizer que é através da escrita. A filosofia é construída para convencer o leitor da verdade do que se propõe, mas existe o risco de o leitor ser manipulado a aceitar proposições infundadas.

Argumenta-se que a literatura retrata situações e personagens fictícios o que não é o caso da filosofia, não obstante, a contradizer isso, lembra que um dos textos fundantes da filosofia ocidental, de Platão, retrata diálogo de Sócrates e *Phaedrus*, acreditando-se que o diálogo nunca existiu. A própria conotação dada ao personagem *Phaedrus* o torna ridículo. Ademais, Skilleås faz referência a autores que classificam o *Phaedo* como sendo texto filosófico e drama. Mesmo os filósofos analíticos, na atualidade, utilizam figuras que mais lembram ficção científica, como quartos chineses e terra gêmea, cujo intento é permitir uma compreensão intuitiva do que está em discussão.

É de se considerar que filosofia, mesmo em relação aos pensamentos mais abstratos e precisos, necessita da narrativa para ser transmitida, o que não a transforma, somente por isso, em literatura. Não é um entendimento adequado relacionar a oposição

da filosofia e da literatura com a da linguagem literal e metafórica. Ademais, a linguagem da filosofia não pode deixar de ser retórica, entendendo essa como a arte da persuasão e a filosofia como pretendendo persuadir.

Mesmo que filosofia não seja literatura, é importante para a filosofia ser objeto das análises aplicadas à literatura. Até porque a racionalidade do que é proposto não é independente do modo como é apresentado.

Afirma que a “filosofia como literatura” é um campo a ser explorado, por análises sobre a retórica e aspectos estilísticos da filosofia, mas, tendo-se em conta a diferença entre filosofia e literatura.

Segundo Ole Martin Skilleås, cabe indagar: se a filosofia não é literatura, poderia a literatura ser considerada filosofia, porquanto filósofos lançaram mão da elaboração de textos de natureza literária, em que pese a manutenção dos aspectos filosóficos?

Diversos filósofos, ao longo dos dois últimos séculos, escreveram poesia e novelas como forma de transmitir seus posicionamentos filosóficos. Por si só, essa já é uma demonstração de que a categorização não faz jus à variedade de trabalhos escritos nos variados campos.

Muito embora existam filósofos analíticos que considerem a filosofia o único caminho para se alcançar a racionalidade, há aqueles que se utilizam da literatura e de seus instrumentos, personagens e situações fictícias, para transmitir e discutir importantes pontos da filosofia.

A filosofia e a literatura, para esses últimos, podem se enriquecer mutuamente; nesse caso, a filosofia se apropria da forma estética. Sustenta Skilleås que a literatura pode lidar com as mesmas questões da filosofia, mas a sua forma de acesso e imersão é caracterizada por uma sensibilidade que possibilita novas leituras. Por outro lado, há a crítica de que os textos literários ensejam interpretações divergentes, o que

torna difícil a caracterização de um texto, principalmente quanto a definição dele como um guia de determinado aspecto moral, por exemplo.

Registra que na filosofia não se encontram tais disparidades, muito provavelmente pelo engessamento dos filósofos pelos pares, quando a questão é a análise de textos que já foram lidos e analisados por infinitos outros filósofos, de tal forma, que uma nova interpretação, sob outra perspectiva, é quase inviável. Não há como se desconsiderar que inúmeros trabalhos literários iluminam problemas filosóficos.

Por fim, aborda Skilleås a filosofia da literatura, explicando que são três as fontes de conhecimento ou teoria sobre arte e literatura, das quais a mais importante é a estética, uma disciplina filosófica, que aborda as questões gerais sobre a natureza da arte e o belo, além do ontológico, epistemológico e avaliativo olhar para a arte. Ao que se soma a publicação de manuais sobre como fazer arte.

A terceira forma tradicional de teorização da arte se dá por manifestos artísticos, sendo que os departamentos universitários onde é ensinada literatura têm cursos de teoria literária, com as diferentes escolas, como formalismo, estruturalismo, psicanálise e outras; assim, há de ser estudada a relação entre teoria da literatura e filosofia da literatura.

A filosofia da literatura, segundo ele, já trilhou longo caminho, mesmo que não fosse identificada de tal forma. Basta apenas lembrar que Platão e Aristóteles escreveram sobre tragédia e poesia, o que poderia ser tomado como ponto de partida. Some-se a **Crítica do Juízo** de Kant.

A teoria da literatura foi desenvolvida no século XX, entendendo o autor pela ligação entre a teoria da literatura e a filosofia da literatura, uma vez que muitas das teorias da literatura podem ser consideradas filosofia da literatura; por essa razão, é uma construção artificial falar-se em teoria da literatura como um ramo separado da filosofia da literatura. As obras de literatura auxiliam na compreensão de questões e problemas considerados filosóficos, contribuindo, dessa forma, para a filosofia.

Diante das abordagens de Ole Martin Skilleås, percebe-se que literatura e filosofia não se confundem; porém por intermédio da literatura é possível a discussão sobre questões da filosofia, em face das inúmeras possibilidades que os recursos estéticos literários permitem. Pode-se dizer que o estudo proposto sobre a obra de Kafka, em especial de ***Der Process***, está situado no campo da filosofia na literatura.

Outros filósofos, como Albert Camus, para citar um, se utilizam da literatura como forma e mecanismo de discussões filosóficas. Não se deve negar que o estudo de questões da filosofia através da literatura permite, por vezes, um maior alcance, dada a liberdade que uma obra literária propicia ao autor e ao leitor. Essa atuação recíproca da filosofia e da literatura deve e pode muito se desenvolver, com novos e originais frutos, na medida em que uma se ilustra e enriquece com o conhecimento e possibilidades da outra.

Na obra ***Philosophy of Literature***<sup>6</sup>, dedicada ao estudo de filosofia e literatura, encontramos dentre seus artigos o de Martin Warner, pioneiro nos estudos de filosofia e literatura, do ***Centre for Research in Philosophy and Literature da University of Warwick***, cujo título é ***Philosophy and Literature: Yesterday, today and tomorrow***<sup>7</sup>, no qual esclarece que a retórica de Platão, invocando a desavença entre filosofia e poesia, aponta para um problema profundo do discurso racional, o qual foi obscurecido na relação histórica da filosofia com a literatura imaginativa, especialmente com relação à filosofia analítica na primeira metade do século XX. Trabalhos e pesquisas na filosofia da linguagem, na lógica da imaginação e na relação entre dialética e retórica prometem iluminar o antigo problema.

Martin Warner rememora, inicialmente, as críticas elaboradas pelos filósofos ao longo dos tempos, denominando os poetas como ‘mentirosos por profissão’ e que ‘sempre tentam dar um ar de verdade às suas ficções’, conforme David Hume em seu Tratado da Natureza Humana (I, 3.x). Já os Positivistas Lógicos entendem que os poetas

---

<sup>6</sup> SCHROEDER, Severin (Ed.) ***Philosophy of Literature***. West Sussex: Blackwell Publishing, 01 2010.

<sup>7</sup> WARNER, Martin, ***Philosophy and Literature: Yesterday, today and tomorrow***. In: SCHROEDER, S (Ed.) ***Philosophy of Literature***. West Sussex: Blackwell Publishing, 01 2010, p.112-133

não mentem, eles caracteristicamente falam sem sentido. Vislumbra-se, assim, os elementos de uma disputa.

Na Grécia antiga, assinala Martin Warner, os poetas já criticavam os filósofos, citando, como exemplo, Aristófanes que caricaturava Sócrates; por sua vez, filósofos como Xenofonte, Heráclito e Empédocles censuravam poetas como Homero.

Já se concluiu que Platão, apesar de asseverar que a discórdia entre filosofia e poesia era de longa data, foi ele mesmo o primeiro disseminador dessa visão<sup>8</sup>; vez que, segundo Martha Nussbaum, pesquisas indicam que **antes de Platão não havia distinção entre filosofia e literatura** quanto à discussão dos problemas humanos práticos, não se diferenciando os textos que estariam em busca da verdade daqueles que discutiam os temas como entretenimento<sup>9</sup>. À época, o que se distinguia era a prosa do verso. Um olhar para os textos que sobreviveram aos tempos dá conta que homens, hoje considerados filósofos, como Xenófanes, também eram poetas; pode-se citar o filósofo Parmênides, conhecido pelo seu poema épico.

Martin Warner recorda que a poesia é forma de ser e de existir, dentro da cultura grega. Nela exercia um importante papel, a destacar a formação dos homens cultos naquele momento, funcionando como forma do discurso. Ademais, aqueles que hoje identificamos como filósofos realizavam abordagens ‘verdadeiras’ sobre religião e ética quando não havia uma clara delimitação entre religião e verdade científica (física); com isso, ensaios sobre a natureza e corpos celestiais, como os de Anaxágoras, são tidos como estéticos.

Como diz Warner, poder-se-ia entender que a invocação dessa antiga desavença na República era mais um gesto retórico, gerador da própria diferença, determinando que os poetas fossem excluídos da Cidade da Verdade. Era notório que Platão criticava, de forma irônica, seus oponentes de oratória, como sofistas, que teriam a

---

<sup>8</sup> WARNER. Martin, *Philosophy and Literature: Yesterday, today and tomorrow*. In: SCHROEDER, S (Ed.) *Phylosophy of Literature*. West Sussex: Blackwell Publishing, 01 2010, p.114.

<sup>9</sup> WARNER. Martin, *Philosophy and Literature: Yesterday, today and tomorrow*. In: SCHROEDER, S (Ed.) *Phylosophy of Literature*. West Sussex: Blackwell Publishing, 01 2010, p.114-115.



infundada pretensão de serem sábios. Essa visão de Platão estava ligada à concepção socrática de que somente através da dialética era possível estabelecer e confirmar o conhecimento. Para tanto, a linguagem só pode conter termos que sejam a imagem perfeita da realidade, todavia, para Platão, nenhuma imagem é idêntica à própria coisa. Ora se a imagem e o original são diferentes, este pode ser distorcido pela forma. Indaga o autor como poderemos estar certos de que as regras da linguagem que criam as relações lógicas entre as palavras ou proposições são homólogas das relações reais entre os termos que a língua tenta retratar. Só a dialética pode dar esse conhecimento, mas é exatamente a linguagem da dialética que está em questão.

O trabalho elaborado por Peter Lamarque e Stein Haugom Olsen, também é referência no estudo da relação entre filosofia e literatura. Na obra ***Truth, Fiction, and Literature – A Philosophical Perspective***<sup>10</sup> estudam ficção e verdade; os limites da ficção; literatura e verdade, dedicando um capítulo à literatura como filosofia.

Consideram que trabalhos literários, mesmo que elaborados com o propósito de avançar na verdade sobre as questões humanas por meio de proposições gerais nelas contidas de forma implícita ou explícita, possuem pretensas verdades, as quais são na sua maioria controversas. Esclarecem, todavia, que nem a literatura ou a crítica literária tem tal preocupação, pois as obras literárias não podem ser elaboradas com a intenção de estabelecer a verdade. O argumento dos autores, semelhante ao daqueles que se opõe à ***Theory of Novelistic Truth***, é baseado na concepção da verdade ou da verdade-dita, o qual é colocado dentro de um nexos de atividades, como o de fazer julgamentos, debates, identificação de evidências, dentre outros, em uma prática que eles chamaram de investigação. Há uma ligação conceitual entre a noção de verdade e a de conhecimento. O que agora é verdade e o que não é verdade pode não constituir conhecimento, mas mera opinião.

Os conceitos de conhecimento e verdade são elementos constitutivos básicos para o conceito de ciência e garantem o denominado ‘valor cognitivo’ dos conhecimentos alcançados pela ciência. Situação equivalente ocorre nas ciências sociais

---

10 LAMARQUE, Peter; OLSEN, Stein Haugom. **Truth, Fiction and Literature**. Oxford: Clarendon, 2002, p.368-397.

e na história. Tais disciplinas obtiveram o reconhecimento como ciência exatamente por aplicar essas noções de verdade e conhecimento. Quanto à literatura, o que foi estabelecido até agora é que esses conceitos não podem ser presumidos para explicar a capacidade cognitiva dessa. Identificam dois caminhos para o impasse, o primeiro seria a redefinição dos conceitos de conhecimento e busca da verdade, perdendo a conexão com as evidências de suporte e argumentos; outro caminho seria uma redefinição radical da noção de valores cognitivos separando toda conexão necessária com os conceitos de conhecimento e verdade.

Quanto ao debate acima, **os autores concluem que, se a filosofia tem como meta a busca da melhor compreensão das questões morais, nos seus próprios termos, a literatura com objetivo semelhante se torna uma companheira ou mesmo um ramo da filosofia, no qual a literatura é identificada como a fonte do conhecimento subjetivo. A literatura pode então ser vista como forma de escrever sobre todas as situações vividas e experimentadas em uma evocação da experiência.**

Para Lamarque e Olsen, a partir disso, a literatura propicia aos leitores um tipo de descrição evocativa de uma experiência virtual expressa através do texto literário, com um aspecto de permanência, o que não se identifica no experimentado individualmente. Tal possibilita ao leitor vivenciar através daquela experiência virtual, situações que ele mesmo não vivenciaria em sua própria vida. Outro aspecto a ser considerado é que este tipo de vivência, por certo 'pré-determinada' pelo autor, estabelecida em um ambiente sem as interferências das questões quotidianas, possibilita o aproveitamento máximo desse conhecimento da experiência subjetiva.

Para a Teoria do Conhecimento Subjetivo, uma descrição não deve ser considerada verdadeira ou falsa em correspondência com a verdade, mas sim, autêntica ou inautêntica. **Dentro dessa teoria, o trabalho literário como verdade autêntica atinge o mérito cognitivo, entendendo-se que autenticidade, como modo de descrição, é um valor cognitivo.**

Por outro lado, o sujeito que experienciou determinada situação para transmiti-la a alguém tem de recorrer a um mínimo de talento literário. No entanto, ao sabermos que alguém vivenciou determinada situação temos isso como um fato, mesmo que tal pessoa não tenha condições de transmitir o conhecimento do vivido. Ocorre que o debate sobre a verdade, em determinado aspecto, está em conexão com as descrições evocativas.

**Entende-se aqui que o conhecimento é o resultado da experiência; assim, a experiência dá origem ao conhecimento, o que aplicado à literatura significa que o resultado da leitura de um romance, com a correspondente introspecção, nos permite, após esta experimentação, saber melhor o que é estar naquela situação.**

Lembram Lamarque e Olsen que uma das questões e **críticas à teoria do conhecimento subjetivo está dirigida às formas de obtenção desse: a vivência de uma situação ou a leitura;** sendo receptivos a essa descrição evocativa, que é a descrição literária. **A objeção reside no fato de que cada trabalho literário é único e específico, mais ainda, constata-se que trabalhos literários elaborados com base em uma mesma história apresentam versões diversificadas dessa história, inclusive, com visões de mundo diferentes. Semelhante situação se passa quanto às temáticas abordadas em um trabalho literário. Ademais, tem-se que considerar que a forma de abordagem das questões da natureza humana através da literatura se encontra numa profundidade muitas vezes distanciada da vida quotidiana e, exatamente por isso, vai depender da abertura do leitor para essa imersão, o que certamente varia e constitui uma experiência única.**

O entendimento, de que a importância da arte literária, do ponto de vista cognitivo, consiste em permitir uma enorme elaboração desse tipo de conhecimento, poderia ser visto como tautológico, já que a leitura de um texto literário amplia nosso conhecimento sobre o tipo de experiência subjetiva oferecida pelas obras literárias.

Dentre os propagadores da teoria do conhecimento subjetivo, há os que entendem que **esse, adquirido através da leitura da obra, causará uma transformação no leitor, de ordem intelectual e moral, afetando a sua vida de modo significativo e positivo**, partindo do princípio de que seus conceitos e sua percepção serão alterados e, em consequência, modificarão a própria vida do leitor. A forma de atuação transformativa daquele no leitor é a possibilitação do conhecimento, sob um novo prisma, quanto a fatos e informações já apreendidos.

De tal modo, que, em havendo uma identificação com a própria situação pessoal, alterar-se-iam as perspectivas e comportamento do indivíduo. Para tanto, o leitor tem que identificar as semelhanças entre a situação retratada na literatura e a própria, entendendo que aquele seria um padrão a adotar. Tal possibilidade, vista em largo espectro, conduz à **mudanças culturais, de costumes e de comportamento**.

Para essa corrente da **Teoria do Conhecimento Subjetivo e do valor cognitivo da literatura, a experiência subjetiva representa o conhecimento**. Segundo Lamarque e Olsen, ela não esclarece a distinção entre o conhecimento genuíno e o putativo. Tanto os trabalhos literários autênticos como os inautênticos são capazes de propiciar uma visão das coisas sob novas luzes. Ainda como objeção a essa teoria, discute-se que esse conceito ambicioso de conhecimento subjetivo, que inclui consequências filosóficas, é incompatível com a visão da relação entre conhecimento subjetivo e trabalho literário como uma relação interna e lógica. Afinal, se o conceito de conhecimento subjetivo envolve a modificação de outros conceitos em razão da visão da realidade do leitor, então nessa nova perspectiva, a realidade pode não ser apenas disponível através daquele trabalho literário específico. Em última instância, tal modificação conceitual, se aplicada ao mundo, pode ser independente daquele trabalho. **Outra objeção a essa teoria é termos que considerar que o leitor pode com a leitura da obra tomar conhecimento do ponto de vista do autor, mas não necessariamente incorporá-lo às suas perspectivas**. O leitor não é constrangido a adotar o conceito de realidade retratado na obra; assim, o leitor apreende a visão do autor; poder-se-ia entender que nesse sentido, através do conhecimento do ponto de vista do autor, o conceito do leitor foi modificado ou enriquecido, mas não

necessariamente no sentido de absorvido, tal como exposto pelo autor. **Nesse sentido, a literatura deixaria de ser uma fonte de compreensão para a esfera subjetiva da existência humana paralela à filosofia, como uma fonte de conhecimento para os aspectos externos, e se torna subordinada à filosofia. Essa versão ‘forte’ da teoria do conhecimento subjetivo não é uma teoria dos valores cognitivos da literatura, mas representa uma visão de como fazer filosofia. De acordo com esta posição, a filosofia pode fugir de teorias gerais e se concentrar em situações particulares. A literatura é naturalmente vista como uma fonte de descrição de situações particulares, as quais podem ser usadas para esclarecer um problema filosófico. A literatura funciona como uma fonte de lembranças e não de exemplos, dos quais a filosofia pode se beneficiar na luta com problemas relativos ao abrandamento ou inflexibilidade pelas diversas perspectivas da vida humana.**

Caso tal particularidade da literatura seja ignorada estar-se-á impossibilitando o acesso a novas perspectivas sobre vida humana. Viabilizar a que tal posicionamento seja um uso da literatura, encontra como barreira o fato de que não são nem constitutivo nem característico da literatura. Trabalhos literários podem ser usados como reveladores ou lembrança e pode-se discutir a efetividade quanto a esses usos, mas não se trata de valor cognitivo da literatura que define ou explica o alto valor cultural atribuído à literatura, conforme o entendimento de Lamarque e Olsen.

Em que pese tais discussões, no âmbito dos nossos estudos, não se vê Kafka apresentando ao leitor verdades acabadas, mas sim propondo a esse a oportunidade de uma reflexão sobre situações fáticas, as quais, em tese, podem ocorrer, propiciando, como dito uma experiência virtual.

Mesmo no livro **A Metamorfose**, no qual por óbvio, ninguém ao ler a obra acredita ser possível acordar um dia na forma de um inseto, as questões que Kafka pretende sejam pensadas e confrontadas são as relações pessoais, familiares e de trabalho, em função da angústia existencial.

Essas questões da natureza humana são universais e perenes. O fato de se

ter uma experiência por meio da experiência de uma terceira pessoa, em um ambiente fora das intempéries diárias do próprio leitor, quando esse leitor se disponibiliza a uma abertura e vivência empática, possibilita o acesso a uma dimensão mais ampla do quadro e em profundidade maior do que aquela que alcançaria o indivíduo se estivesse vivendo a situação no mundo real; mesmo que tomado pela emoção, a sua clareza será maior, por não estar efetivamente sofrendo os efeitos deletérios, na condição de leitor.

Não se identifica na obra *Der Process (O Processo)* a estipulação de verdades no sentido filosófico, mas a possibilidade de reflexão sobre as questões nela tratadas, que em um método próprio do escritor, o qual pode-se considerar como **uma nova maiêutica**, leva o leitor a repensar verdades postas pela sociedade e realizar indagações sobre questões que atingem a todos, para que se possa encontrar novos caminhos. Exatamente por se tratar de situações também ligadas à natureza humana, constata-se que grande parte das cenas retratadas são passíveis de ocorrer, dando a possibilidade ao leitor de questionar sobre o sistema de direitos e garantias jurídicas.

Nesse aspecto a riqueza do diálogo entre a filosofia e a literatura pode gerar frutos de alcance social valioso, por possibilitar uma conscientização da necessidade de segurança social e da luta pelos direitos conquistados ao longo dos séculos, sem os quais o cidadão fica à deriva, quando mais precisa do amparo de estruturas sociais e legais sólidas e justas.

Por fim, há que se referir a obra de Martha C. Nussbaum em **Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature**<sup>11</sup>, citada pela maioria dos autores que tratam do tema, **ela entende que a literatura imaginativa e a filosofia moral são interdependentes, no sentido de que as obras literárias, assim como a filosofia, atuam quanto às questões existenciais. Entende que a filosofia moral precisa da literatura o que é recíproco.**

A pesquisa aponta para um desenvolvimento de uma teoria diferente do valor cognitivo da literatura impregnada de aspectos prospectivos, enfatizando a

---

11 NUSSBAUM, Martha C. *Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature*. New York: Oxford University Press, 06 2014, p. 3-53.

experiência subjetiva. Para essa teoria o valor cognitivo da literatura reside em sua contribuição para o raciocínio moral.

O leitor por não estar submetido àquela situação retratada na literatura, ou seja, com um afastamento, sem as emoções que embaçam o próprio raciocínio, pode melhor elaborar as questões morais e éticas do contexto, elaborando outras alternativas para o problema ético.

A literatura, não oferece diretamente a solução, mas possibilita ao leitor pensar sobre as questões morais, ajudando a elaborar a escolha moral do ponto de vista subjetivo. Deve-se considerar que muitas das escolhas morais não retratam a aplicação de regras gerais, mas o exercício de um julgamento moral em determinada situação, o qual sempre considerará a perspectiva subjetiva naquela situação específica.

Nestes termos, a literatura seria uma parte do argumento moral, por envolver o leitor no processo de percepção que desenvolve a sua consciência moral, o que não é realizado através de textos filosóficos. Essa inter-relação descrita por Nussbaum, para a análise das questões existenciais deve ser aplicada na leitura da obra ***Der Process (O Processo)***, observando-se que não se pretende o encontro de respostas acabadas, mas o próprio pensar sobre a justiça, o estágio em que a sociedade se encontra e os direitos que ela determina devam ser preservados e respeitados, além de mecanismos que dificultem atentados contra as próprias fragilidades do sistema, na medida em que todo o processo é conduzido por seres humanos, sujeitos a toda sorte de desvios.

Assim, para fazer valer na prática, o direito à liberdade, ao devido processo legal e a todo o arcabouço legislativo garantidor do cidadão, o primeiro passo para se aprimorar o sistema é a noção de que situações extremas como as descritas por Kafka são possíveis e passíveis de acontecer a qualquer cidadão.